

INTRODUÇÃO

A capoeira atualmente pode ser encontrada espalhada pelo país, através de universidades brasileiras como UFBa, USP, UnB, UFG, UFSC. Assim como em outros países onde a capoeira tem se tornado uma verdadeira exportadora da cultura brasileira, atraindo milhares de alunos estrangeiros que se esforçam em aprender a língua portuguesa em um esforço para melhor se envolver com a arte, para a comunidade acadêmica em geral, a capoeira está presente como manifestação e expressão cultural brasileira que mistura arte marcial, esporte, cultura popular e música.

O presente trabalho aborda a capoeira como prática extensionista localizada no Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo (CEFD-UFES)¹.

O projeto de extensão da Universidade Federal do Espírito Santo Capoeira UFES, tem como meta, capacitar os alunos dos cursos de graduação de Educação Física e alunos da comunidade para ministrar aulas de capoeira buscando desenvolver aspectos históricos, gestuais e musicais presentes nessa manifestação.

O objetivo desta pesquisa consiste em descrever os aspectos históricos metodológicos e objetivos do projeto Capoeira UFES, relatando a relação com a sociedade, clientela, público, período e número de participantes, relacionando também os professores que ministram as aulas, descrever os avanços ao longo dos anos, verificando se o projeto conseguiu atingir no ponto de vista da extensão as suas metas em relação às comunidades, detalhar a aplicabilidade dessas metodologias, tanto na organização quanto no processo de ensino e aprendizagem e descrever as possíveis mudanças.

Quais foram ao longo dos anos os avanços dos objetivos? O projeto capoeira UFES conseguiu alcançar seus objetivos de atingir o ponto de vista da

¹ CEFD-UFES – Centro de Educação Física e Desportos – Universidade Federal do Espírito Santo.

extensão as comunidades? Analisar as metodologias. Se houve mudança em tal metodologia tanto na organização quanto no processo de ensino e aprendizagem do projeto de extensão e descrever as mudanças.

Para 2014 o objetivo do Projeto de Extensão Capoeira UFES é estreitar os laços entre extensão, pesquisa e ensino, e a partir do ano que vem será desenvolvido pelo professor do CEFD e alunos de graduação do CEFD orientandos, a organização de um grupo de estudos em capoeira.

Justifica-se o presente estudo, a partir do tempo histórico do projeto na UFES, suas contribuições e alcance nacional e internacional, ter envolvimento com a pesquisa e ensino, e ser referencia em projeto de extensão de capoeira nas universidades.

O tema escolhido envolveu o interesse dos graduandos em questão por ser uma luta que envolve aspectos culturais como a musicalidade por exemplo. E pelo fato de um dos orientandos estar envolvido diretamente com o ensino de uma das artes marciais, no caso o Taekwondo, que envolve o aspecto extensionista da universidade. Assim, além de estudar a experiência de pessoas envolvidas com o projeto de extensão, espera-se adquirir um aprendizado de qual caminho deve trilhar para quem cursa Educação Física e quer seguir a área que envolve artes marciais e seus aspectos culturais. Acredita-se também que a pesquisa desenvolvida servirá de referencial para os projetos de extensão de capoeira das Universidades Federais do Brasil e outros países.

Desta forma notamos a necessidade que a Educação Física vem demonstrando no sentido, seja como conhecimento a ser desenvolvido nas aulas, nas escolas ou em outros ambientes, percebem a necessidade de vivenciar esta manifestação cultural de forma mais aprofundada.

A metodologia aplicada será de caráter qualitativo aplicado através da revisão literária e pesquisas documentais na biblioteca do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo (CEFD-UFES) e nos

arquivos da sala de capoeira ao qual são ministradas as aulas, onde através destes documentos serão investigado o progresso do projeto ao longo de suas atividades desde 1978, verificando assim se conseguiu cumprir as etapas dentro dos seus objetivos determinados, em um período que compreende 1978 até os dias atuais, detalhando e analisando os seus dados.

Será também transcrita uma entrevista cedida pelo Mestre Fabio Luiz Loureiro², relatando suas experiências ao longo de sua carreira como professor responsável pelo projeto.

A história da Capoeira está ligada a luta de libertação dos escravos no Brasil. Mesmo havendo entre os historiadores um debate com relação à sua origem, se foi na África, no Brasil Colonial ou no período do Império Brasileiro, a Capoeira notadamente configurou-se como uma prática escrava (SOARES, 2001) e sofreu a perseguição da sociedade escravagista e, posteriormente, capitalista até meados da década de 1930 no Brasil. Por sua vez, a prática desta manifestação cultural vem sendo desenvolvida no Centro de Educação Física, da Universidade Federal do Espírito Santo, há 33 anos e no decorrer desse período sua inserção na universidade ganhou uma dimensão significativa e importante. Como fruto desse trabalho é possível observar que houve uma produção quantitativa e qualitativa de trabalhos acadêmicos sobre Capoeira, com contribuições por parte dos responsáveis dos projetos de extensão de Capoeira dos anos anteriores nas orientações de pesquisas e nas monitorias de acadêmicos.

Atualmente encontramos muitos estudos que visam abordar diferentes aspectos relativos à Capoeira na área de Educação Física como os de: Brunhs (2000), Castro Júnior (2002), Falcão (2004 e 1996), Gonçalves (1997), Lório (2004), Kohl (2007), Nascimento (2005), Rocha (1995 e 1990), Santos (2005), Silva (2009, 2002, 2001a, 2001b), todos eles de alguma maneira abordam problemáticas que dizem respeito à Capoeira e sua inserção na Educação

² Arquivo cedido pelo professor Vinicius Penha.

Física, seja como área de conhecimento, prática pedagógica ou campo profissional.

1. EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E O PROJETO CAPOEIRA UFES

A capoeira atualmente é uma prática corporal presente no campo da Educação Física o que resulta na importância que os alunos de graduação aprofundem suas experiências no seu ensino-aprendizado oferecendo à comunidade em geral uma prática corporal gratuita.

A extensão universitária ou acadêmica é uma ação de uma universidade junto a uma comunidade, disponibilizando ao público externo o conhecimento adquirido com o ensino e a pesquisa desenvolvidos. Essa ação produz um novo conhecimento a ser trabalhado e articulado.

É um conceito adotado pelas universidades que se refere ao contato imediato da comunidade interna de uma determinada instituição de ensino superior com a sua comunidade externa, em geral a sociedade à qual ela está subordinada. A ideia de extensão está associada a crença de que o conhecimento gerado pelas instituições deve necessariamente possuir intenções de transformar a realidade social, intervindo em suas deficiências e não se limitando em apenas à formação dos alunos em geral daquela instituição.

No Brasil, a extensão é um dos pilares do ensino superior, conjuntamente com o ensino e a pesquisa, conforme dispõe o artigo 207 da Constituição Federal. Apesar de questionada quanto a sua eficácia, deve ser valorizada por ser uma forma de interação entre a população e a universidade.

A União, representada pelo Ministério da Educação, por intermédio da SESu/DIFES, e em parceria com o Ministério da Cultura, Ministério da Integração Nacional, Ministério da Justiça, Ministério da Pesca e Aquicultura, Ministério da Saúde, Ministério das Cidades, Ministério das Comunicações, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome, Ministério do Desenvolvimento

Agrário, Ministério do Trabalho e Emprego, Ministério dos Esportes, Ministério do Meio Ambiente, Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Secretaria de Direitos Humanos, Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, Secretaria de Políticas para as Mulheres e Secretaria-Geral da Presidência da República convoca as Instituições Federais, Estaduais e Municipais de Ensino Superior a apresentarem propostas de desenvolvimento de programas e projetos no âmbito da extensão universitária, de acordo com o estabelecido na Lei nº 12.155, de 23 de dezembro de 2009, no Decreto nº 6.495, de 30 de junho de 2008, no Decreto nº 6.170/2007 e suas alterações posteriores e na Portaria Interministerial MPOG/MF Nº 507/2011, com suas alterações.

O Programa de Extensão Universitária (ProExt) tem o objetivo de apoiar as instituições públicas de ensino superior no desenvolvimento de programas ou projetos de extensão que contribuam para a implementação de políticas públicas. Criado em 2003, o ProExt abrange a extensão universitária com ênfase na inclusão social.

O ProExt por intermédio do ministério da educação e da secretaria de educação superior (MEC/SESu) é um instrumento que abrange programas e projetos de extensão universitária, com ênfase na formação dos alunos e na inclusão social na suas mais diversas dimensões, visando aprofundar visões políticas que venham fortalecer a institucionalização da extensão no âmbito das instituições Federais, Estaduais e Municipais de Ensino Superior tendo como objetivos:

1 - Apoiar as Instituições Públicas do Ensino Superior no desenvolvimento de programas e projetos de extensão, que contribuam para a implementação de políticas públicas e o fortalecimento da extensão universitária.

2 – Potencializar e ampliar os patamares de qualidade da extensão universitária da formação dos alunos associando a sua natureza pedagógica à missão das instituições de ensino superior públicas.

3 - Estimular o desenvolvimento social e o espírito crítico dos estudantes, bem como a atuação profissional pautada na cidadania e na função social da educação superior.

4 - Contribuir para a melhoria da qualidade de educação brasileira por meio do contato direto dos estudantes extensionistas com realidades concretas e da troca de saberes acadêmicos e populares.

5 - Dotar as Instituições Públicas de Ensino Superior de melhores condições de gestão de suas atividades acadêmicas de extensão para os fins prioritários enunciados nesse programa.

A Pró-Reitoria de Extensão (ProExt) na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) está organizada administrativamente da seguinte forma: Gabinete da Pró-Reitoria, Câmara de Extensão, 4 Coordenadorias Temáticas, 2 Secretarias Administrativas e 10 Coordenações de Extensão nos Centros de Ensino.

O gerenciamento administrativo da Proex é executado pelo Gabinete da Pró-reitoria, em conjunto com a Câmara de Extensão e operacionalizado pelas Coordenadorias Temáticas e Secretarias Administrativas.

O Gabinete da ProEx é o órgão executivo máximo da Pró-Reitoria, responsável por planejar, administrar, coordenar e fiscalizar todas as atividades extensionistas da universidade, além de fomentar convênios e parcerias para viabilizar projetos relacionados à interação universitária com a comunidade de modo a garantir o desenvolvimento e a visibilidade das atividades e da produção de conhecimento e divulgação da Ufes.

A Câmara de Extensão é o órgão deliberativo e consultivo sobre a Extensão Universitária. Ele é presidido pelo Pró-reitor e composto por representantes de todos os centros de ensino da Ufes. A Câmara de Extensão é responsável pelo estabelecimento das políticas extensionistas da Ufes e pelo cumprimento das diretrizes nacionais e institucionais da extensão universitária no âmbito dos diferentes Centros e departamentos de Ensino.

Os membros da Câmara de Extensão se reúnem em sessões ordinárias, em datas pré-fixadas, uma vez por mês.

As Coordenadorias Temáticas são órgãos de apoio à gestão das ações e políticas extensionistas na Ufes na viabilização das diferentes ações nas 8 áreas temáticas previstas no Plano Nacional de Extensão nas Universidades Públicas Brasileiras. Essas Coordenadorias apóiam e participam de reuniões da coordenação nacional e/ou regional, além de representar, quando necessário, a Ufes no Fórum de Pró-Reitores (Forproex) em Ministérios e instituições. Sistematizar as ações de extensão a partir de áreas temáticas é uma orientação do Forproex.

No caso específico da ProEx-Ufes, essas coordenadorias estão assim organizadas:

Comunicação e Cultura; Direitos Humanos e Educação; Meio Ambiente e Saúde Trabalho e Tecnologia.

A ProEx-Ufes tem duas Secretarias administrativas que buscam dar suporte ao funcionamento e institucionalização das ações de extensão na Ufes. São elas a Secretaria do Gabinete e a Secretaria de Apoio.

Estudos que tratam da história da Educação Física brasileira reconhecem a importância do curso de Educação Física da UFES, criado em 26 de junho de 1931, federalizado em 1940, passando a ser reconhecido como curso superior de Educação Física 21 anos mais tarde, em 30 de janeiro de 1961. Hoje, o Centro de Educação Física e Desportos (CEFD) vem se destacando nacionalmente por causa da excelência em formação inicial, em pós-graduação e em pesquisas realizadas pelos Grupos.

A definição de Extensão Universitária é estabelecida por uma política que, em nível nacional, define procedimentos e diretrizes que devem estar presentes em todas as ações extensionistas. Segundo essas diretrizes, aprovadas pelo Fórum Nacional de Pró-reitores de Extensão, pode-se dizer que extensão universitária é um processo educativo, cultural e científico, articulado de forma indissociável ao

ensino e à pesquisa e que viabiliza uma relação transformadora entre a universidade e a sociedade.

A partir das diretrizes do Plano Nacional de Extensão foram criadas grandes áreas temáticas estabelecidas segundo prioridades sociais e como elementos de sistematização de ações extencionistas, sendo indicadoras para o planejamento e intervenções transformadoras, pois facilita sua classificação, agrupamento de pessoas e grupos que desenvolvem projetos similares e, principalmente, facilitam o processo de institucionalização das atividades de extensão nas universidades. As áreas temáticas em vigor são:

1 – Comunicação: comunicação social; mídia comunitária; comunicação escrita e eletrônica; produção e difusão de material educativo; televisão e rádio universitárias; capacitação e qualificação de recursos humanos e gestores de políticas públicas de comunicação social; cooperação interinstitucional e cooperação internacional na área.

2 – Cultura: desenvolvimento de cultura; cultura, memória e patrimônio; cultura e memória social; cultura e sociedade; folclore, artesanato e tradições culturais; produção cultural e artística; rádio universitária; capacitação de gestores culturais e de políticas públicas no setor cultural; cooperação interinstitucional e cooperação internacional na área; cultura e memória social.

3 – Direitos Humanos e Justiça: assistência jurídica; capacitação e qualificação de recursos humanos e gestores de políticas públicas de direitos humanos; cooperação interinstitucional e cooperação internacional na área; direitos de grupos sociais; organizações populares; questão agrária.

4 – Educação: educação básica; educação e cidadania; educação à distância; educação continuada; educação de jovens e adultos; educação especial; educação infantil; ensino fundamental; ensino médio; incentivo à leitura; capacitação e qualificação de recursos humanos e de gestores em educação; cooperação interinstitucional e cooperação internacional na área.

5 – Meio Ambiente: Preservação e sustentabilidade do meio ambiente; meio ambiente e desenvolvimento sustentável; desenvolvimento regional sustentável; aspectos de meio ambiente e sustentabilidade do desenvolvimento urbano e do desenvolvimento rural; capacitação e qualificação de recursos humanos e de gestores em meio ambiente; cooperação interinstitucional e cooperação internacional na área; gestão de recursos naturais; sistemas integrados para bacias regionais.

6 – Saúde: promoção à saúde e qualificação de vida; atenção a grupos de pessoas com necessidades especiais; atenção integral à mulher; atenção integral à criança; atenção integral à saúde de adultos; atenção integral a adolescentes e ao jovem; capacitação e qualificação de recursos humanos e de gestores em saúde; cooperação interinstitucional e cooperação internacional na área; desenvolvimento do sistema de saúde; saúde e segurança no trabalho; esporte, lazer e saúde; hospitais e clínicas universitárias; novas endemias e epidemias; saúde da família; uso e dependência de drogas.

7 – Tecnologia: transferência de tecnologias apropriadas; empreendedorismo; empresas juniores; inovação tecnológica; pólos tecnológicos; capacitação e qualificação de recursos humanos e de gestores em tecnologia; cooperação interinstitucional e cooperação internacional na área; direitos de propriedade e patentes.

8 – Trabalho: reforma agrária e trabalho rural; trabalho e inclusão social; capacitação e qualificação de recursos humanos e de gestores em trabalho; cooperação interinstitucional e cooperação internacional na área; educação profissional; educação popular para o trabalho; cooperativas populares; questão agrária; saúde e segurança no trabalho; trabalho infantil; turismo e oportunidades de trabalho.

O CEFD tem por finalidade a formação de profissionais de educação física, visando o ensino e a pesquisa. Busca, nas atividades de ensino, pesquisa e extensão a formação qualificada, com fins a uma intervenção comprometida socialmente e pautada em princípios éticos.

Hoje, o CEFD oferece formação em graduação, sendo duas licenciaturas, modalidade presencial e semipresencial e um curso de bacharelado. No âmbito da pós-graduação, oferta cursos eventuais de especialização e mantém um Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, em nível de Mestrado, com duas áreas de concentração: Estudos Pedagógicos e Socioculturais da Educação Física e Educação Física, Movimento Corporal Humano e Saúde.

A capoeira é atualmente uma manifestação cultural presente no campo na Educação Física. O projeto Capoeira Ufes visa capacitar os alunos do curso de Educação Física (licenciatura e bacharelado) e alunos da comunidade.

A proposta deste projeto de extensão é a de propiciar para alguns alunos dos cursos de Educação Física (Licenciatura e Bacharelado) a oportunidade de aprofundar sua prática pedagógica, cultural, histórica, política e filosófica relacionada à Capoeira. Além disso, oferecer à comunidade em geral uma ampla vivência desta manifestação não restringindo-a somente ao viés esportivo mas, procurando aumentar seu contato com a cultura popular brasileira, buscando desenvolver os principais elementos da Capoeira, tais como a gestualidade, a musicalidade, a expressividade, a ritualidade; voltados para o desenvolvimento integral do indivíduo dentro de um contexto lúdico e envolvendo os aspectos ligados a criatividade individual e coletiva.

Apesar de termos nos currículos de formação em Educação Física disciplinas que abordam a Capoeira, compreendemos que a vivência do ensino-aprendizado pelos alunos desta manifestação cultural poderá tornar mais sólida sua a formação profissional.

2. PROJETO CAPOEIRA UFES: HISTÓRICO, OBJETIVOS, METODOLOGIA

O Projeto Capoeira UFES tem seu funcionamento ativo desde 1978 até os dias atuais e suas aulas visam capacitar os alunos do curso de graduação em Educação Física, seja licenciatura ou bacharelado, para ministrar aulas de

iniciação as lutas no caso a capoeira, buscando desenvolver os aspectos históricos, gestuais e técnicos.

Oferecendo à comunidade em geral a oportunidade de vivenciar gratuitamente essa manifestação cultural durante as aulas e consolidar no CEFD ações relativas a pesquisa aliadas aos projetos de extensão, e proporcionar atividade física.

Antes de iniciar as aulas no projeto os alunos são submetidos ao teste ergométrico – ECG de esforço. Assim como consta nos arquivos das fichas dos alunos matriculados, tanto iniciantes como veteranos.

Entre os principais históricos de atividades desenvolvidas do projeto Capoeira UFES estão arquivados: Aulas dos fundamentos básicos da capoeira para alunos iniciantes; Treinamento avançado para turma de graduados; Aula de música e instrumentação; Aulas teóricas e seminários; Intercâmbios interestaduais com Mestres e Professores do Rio de Janeiro/RJ, São Paulo/SP, Brasília/DF, Florianópolis/SC, Belo Horizonte/MG, Salvador/BA, Goiânia; Intercâmbio Municipal com 95% dos grupos da região da Grande Vitória e parte do interior do Estado; Difusão da capoeira em comunidades e escolas e academias e municípios do Estado; Participação na orientação de trabalhos acadêmicos do Curso de Educação Física e Serviço Social; Cursos com diversos mestrandos de vários estados do país; Ampliação do acervo bibliográfico da biblioteca setorial do CEFD/UFES; Intercâmbio com os estados de Santa Catarina (UFSC), Brasília (Centro Universitário de Brasília - CEUB), Criciúma (SC), Joinville (SC), Projeto Cid's Capoeira Brasília (DF), Escola Nacional de Esportes Marcolan (Suíça), e Faculdade de Filosofia de Cachoeiro de Itapemerim (ES).

É feito um ritual de entrega de cordas para determinar a graduação dos alunos, que exige um grau de conhecimento técnico:

- Primeiro ano – iniciante - sem corda.
- Azul, azul-marrom, marrom, marrom-verde, verde – Aluno Graduado.
- Verde-Amarelo – Estagiário.

- Amarelo – Monitor.
- Amarelo-Roxa – Instrutor.
- Roxa – Contramestre.
- Roxa-Vermelha – Mestrando.
- Vermelha – Mestre.
- Branca – Mestre Dignificador – Corda em homenagem aos grandes Mestres.

O professor tem como parâmetro avaliativo a constante observação do desempenho do aluno, tendo como referência o processo em que o aluno está vivenciando, não deixando de enfatizar a auto-avaliação do próprio aluno estimulando-o a referenciar seu desempenho atual em relação ao anterior.

É estabelecido o conceito de fundamentos para designar os movimentos da capoeira, sempre havendo desavenças e controvérsias quanto a sua nomenclatura utilizada.

Fundamentos traumatizantes: São aqueles que visam provocar lesões no corpo do oponente, são caracterizados por impactos com alto grau de velocidade em áreas vulneráveis do corpo.

Fundamentos de esquiva: Consiste em guiar o corpo para fora da trajetória de ataque do oponente. Pode ser através da própria ginga, para baixo, para o lado ou para trás.

Fundamentos desequilibrantes: Consiste em retirar a base do oponente em seu estado de equilíbrio com ou mais pontos de contato.

Fundamentos coreográficos: Conjunto de fundamentos para enriquecimento da plasticidade na capoeira e para demonstrar o nível de domínio corporal que o capoeirista é capaz de alcançar.

Fundamentos da movimentação rasteira: São fundamentos caracterizados por movimentos realizados a pouca altura, ou seja, baixo, próximo ao chão.

Fundamentos partindo da negativa (movimento de esquiva em que o praticante se abaixa até ficar rente ao solo, com uma perna estendida e a outra flexionada para desviar do oponente): São encaixes de fundamentos partindo da negativa, visando contragolpear o seu oponente de jogo de forma inesperada – fundamentos traumáticos, ou movimentos partindo da negativa para dar plasticidade e beleza ao jogo de capoeira – fundamentos coreográficos.

O projeto trabalha formas educativas e seguras para o aprendizado e treinamento do jogo de capoeira, tendo por características por forma de jogo.

Forma de jogo rasteiro: Possui um ritmo lento e seu toque é no estilo Angola. Suas características são de predominância da movimentação rasteira; pouco movimento coreográfico; movimentos encaixados; movimentos precisos; alguns fundamentos traumáticos partindo da negativa e sem desequilibrantes.

Forma de jogo médio-coreográfico: Possui ritmo médio e seu toque é do estilo São Bento Pequeno. O domínio corporal é demonstrado principalmente pelos fundamentos coreográficos; com fundamentos traumáticos; jogo realizado em cima (na ginga) e em baixo (rasteiro); sem fundamentos desequilibrantes.

Forma de jogo objetivo: Possui o ritmo rápido e seu toque é no estilo São Bento Grande. Predominância de fundamentos desequilibrantes; fundamentos traumáticos precisos e velozes; sem movimentação rasteira; sem fundamentos coreográficos.

Forma de jogo alto-ligeiro: Possui ritmo muito rápido e intenso e seu estilo de toque é São Bento de Angola. Somente fundamentos traumáticos girados; bem próximo e alto; sem fundamentos coreográficos; sem movimentação rasteira; sem desequilibrantes.

Entre os materiais didáticos ao qual o aluno tem contato estão apostilas de aprendizado musical que ensina toques com o berimbau e outros instrumentos típicos do aprendizado de um capoeirista, com letras de música sobre culturas regionais que contém um pouco da história capoeira e até mesmo do Brasil.

3. ENTREVISTA

Transcrição da Entrevista com o Mestre Fábio

Bom, meu nome é Fábio Luíz Loureiro, conhecido pela alcunha ou apelido de Mestre Fábio. Na minha formação recebi o apelido de, primeira vez que estou falando na entrevista, de Surucão devido a uma nuca muito grande, mas isso não pode ficar registrado, já está né!? A minha história na capoeira não tem muito a ver inicialmente com a cultura, nem relação com a capoeira, muito menos né!? Eu fui levado pra capoeira por um, na época estava no 2º grau, fazia musculação, mas eu não gostava muito de musculação e tinha um irmão que conhecia um professor de capoeira, que fazia economia junto com ele que era o Carlos, que se tornou meu mestre, Mestre Carlos. Isso no início da década de 80, 82 né!? Meada de 82. E aí eu fui, ver, fazer uma aula de capoeira né!? Digo que eu não era simpatizante com a capoeira, não era, nem um pouquinho, já tinha praticado Karatê, então não tinha simpatia nenhuma. E fui fazer capoeira. Chegou lá, e eu, como eu havia combinado com ele de pagar pra fazer só um tempo de capoeira, fiz um tempo de capoeira, me identifiquei e aí começou uma identificação, e era tão distante a minha relação com capoeira que eu nunca tinha visto e percebido a palavra capoeira. A primeira vez que eu escrevi capoeira numa prova escrita que tinha que fazer, eu escrevi capu, pu, P-U né!? CAPUEIRA. De tão distante que era minha relação com a capoeira. Lá fora, eu tinha contato com o sambá, o forró, mas com a capoeira enquanto cultura, atividade, não tive. E aí comecei a fazer capoeira, a capoeira já era no centro de Educação Física e, paralelo a isso eu fazia um curso técnico em edificações no 2º grau. E continuei fazendo os dois. Concentrei na capoeira da seguinte forma, eu não tinha muito o que fazer,

pelas condições reais que eu tinha na família, eu comecei a me dedicar à capoeira de manhã, de tarde e de noite. Gostei, comecei a gostar e comecei a me destacar, como sempre quem se destaca mais na capoeira, capoeira mais.

É que é um aprendizado complicado, eu sempre, toda aula eu levava uma, no mínimo um chega pra lá ou no fundamento traumático ou uma banda, no mínimo um dos dois. E, é um jogo duríssimo e foi me estimulando, foi me desafiando e eu fui me destacando diante dos amigos que hoje eu tenho na capoeira e tal. E esse destaque nessa formação veio porque o Carlos, meu mestre fazia torneios entende? Competições de capoeira. E todos os torneios eu ganhava, todos. O torneio não tinha muita exibição não, vencia era o jogo da capoeira. Tinha que jogar capoeira, era quem dava mais rasteira, quem dava mais queda, quem aplicava mais golpes, mas sempre procurando a integridade física. Nos dois eu sempre tive um bom destaque. Até que cheguei na frente dos meus amigos. Pra época era um parâmetro avaliativo. Eu participava mais das apresentações, dos outros objetivos do grupo, e aí minha formação continuou até que em 84 eu já tinha decidido fazer engenharia, eu fiz técnico em edificações, mas eu já tava há três anos, 2 anos e meio, 3 anos onde? Dentro do centro de Educação Física. De manhã eu corria, via o movimento acadêmico ali chegando, eu esperava meu professor sair da aula pra treinar. Comecei a conhecer os professores da Educação Física, ia treinar, correr, a todo o momento eu vivia no centro de Ed. Física. E aí, o que aconteceu? Quando eu fui fazer a inscrição pro vestibular eu, dessa forma traí o meu pai. Depois eu paguei caro por isso, e vou falar, depois ele só foi ver, o único momento que ele foi na capoeira, foi na minha formatura de mestre, e aí tem um outro processo histórico. Eu traí no sentido de fazer o que eu gosto verdadeiramente, o que eu tinha me identificado. Eu fui à fila e fiz a inscrição pra educação física, veio o processo do vestibular e eu passei, e continuei a capoeira, passei no segundo semestre 84/2, e continuei treinando capoeira muito tempo. Aí que eu me dediquei, porque fiquei seis meses sem estudar, aí já detonei. Fiquei seis meses treinando a capoeira, início de 84 e, no final já tava na corda amarela, porque, antigamente era a corda azul, marrom, verde e amarela. Eu pulei uma corda de ano em ano. Eu não tinha todo esse físico né, esse cuidado na formação e aí entrei no curso de educação física, quando eu

entrei já era corda amarela, já estava pegando corda amarela, meados de 85. Aí teve esse conflito NE, que meu pai chegou e perguntou: pow! Você ficou reprovado no vestibular? Eu disse, não pai, eu fiz foi educação física. Meu pai: O quê? Educação física? Mas porque você fez isso?

Aí que entra a capoeira contando essa história. Porque você fez isso? Porque eu acho que tem mais a ver com a capoeira. Mas a capoeira não vai te dar futuro, a capoeira não vai te dar isso, não vai te dar aquilo, é a mesma história né, da realidade contada em vários trabalhos, eu também passei por isso. E continuei me dedicando, e em 85, no final de 84 já participei de um junto com o mestre Capixaba, o mestre Luiz Paulo, mestre Caio como árbitro da seletiva do JEBs, onde então o mestre Carlos, contra-mestre na época, coordenava a competição de capoeira. E aí, eu tive uma boa participação na organização, me envolvi, eu vivia pra capoeira e continuei né. O Carlos foi pros E.U.A e eu comecei a em 85 a o quê? A assumir o trabalho da UFES e já aí no 2º período de educação física. Então o JEBs nacional veio pra Vitória e eu fui convidado através do Fernando Passarinho, professor de educação física, coordenador do DEARES, o órgão que administrava o esporte aqui pra tá trabalhando com a capoeira. E eu continuei, dando aula de capoeira e a minha formação. Em 85 quando o Carlos saiu, a minha formação até o Carlos voltar em 89 por aí, quem orientou foi o mestre Odilon. O mestre Odilon, o mestre Iris, não através de aulas, mas eu passei quatro anos recebendo visitas na UFES e recebendo orientação na casa dele. Era engraçado e ainda tinha o ambiente da cultura, da formação da capoeira, que seria na academia do mestre, mas como ele não tinha academia ele me chamava pra ir até a casa dele, “oh, sai da UFES e passa aqui em casa e tal pra gente conversar.” E isso como dois grandes amigos. No meu início de trabalho eu tive um problema na perpetuação desse trabalho porque todos eram muito ligados ao mestre Carlos, e todo mundo saiu. Ninguém queria treinar com um corda amarela já que todo mundo era corda verde...eu continuei e todo mundo parou, e aí vocês vão treinar? Pow! Eu quero treinar com o mestre, e é normal a gente ficar seguro com o mestre. E aí, duas pessoas me acompanharam, meu irmão, eu fiquei seis meses com 3 alunos, meu irmão, um grande amigo meu, o Léo, Léo Cruz e o filho da professora Inês, que era obrigado a fazer capoeira né!? Foi o meu primeiro

batizado de três alunos. É óbvio, com o acesso de formação cultural que eu recebia toda uma repressão dos outros mestres, que não me reconheciam nem como professor de capoeira, nem como mestre e eu continuei essa formação. Aí em 85 eu organizei o JEBs e, é sempre pensando na participação de todos e eu chamei esses mestres. Então, quer dizer, eu era o coordenador geral e tinha dois subcoordenadores, um era o mestre Peixinho, que veio do R.J, mas não tinha muita experiência em organização, e também o mestre, o qual contribuiu até pra origem através do mestre Zulu pro grupo beribazu, o mestre Saboza. E nesse JEBs eu tive uma formação muito grande no mundo da capoeira, por isso que eu to falando, por quê? É, vou tentar lembrar alguns mestres além do Saboza e Peixinho, como o mestre Zulu, o mestre Falcão, Birilo de Recife, o mestre Saci, o mestre Suíno, hoje então o mestre Abidi, o mestre Maxuel, foram campeões do JEBs na época, hoje mestres de capoeira, o mestre Gladison, tinha o Albino do Piauí e tinha o Canelão do Rio Grande do Norte.

“A inclusão da Capoeira nos Jogos Escolares Brasileiros (JEBs), em 1985, contribuiu para o processo de esportivização, pois passa a fazer parte da mais representativa festa dos esportes estudantis no Brasil.” (Alves L.P, Montagner P.C, 2008).

Todos eles me viram à frente disso e eu assumi junto com o Gladison e outros mestres, a memória me falha nesse momento, e ele me fez a proposta de construir o primeiro regulamento oficial da capoeira, de competição da capoeira escolar. E nós fizemos reuniões, encontros, congressos técnicos e chegamos ao primeiro regulamento que eu tive o prazer de assinar, entregar e encaminhar para o ministério, até então não era ministério, era secretaria, eu não me lembro. E essa foi uma grande formação no mundo da capoeira, uma grande projeção de mestre e contra-mestre, e eu fiz parte né, e faz ainda você ser conhecido no mundo da capoeira. E nesse momento eu fiquei conhecido no mundo da capoeira, embora ainda, corda amarela. E aí, os mestres de Vitória, nessa minha formação começaram a me reconhecer. Teve, por exemplo, um mestre renomado me ouvindo na organização e na orientação porque as ideias foram coletivas, na verdade, eu tive a oportunidade de assinar como o coordenador geral, mas as ideias e a construção foram coletivas. Mas nesse

organizar aí o que eu aprendi muito foi ser humilde diante de tantas figuras e tantos mestres famosos, e eu tinha apenas de 4 a 5 anos de capoeira, e eu fiquei tipo, nem dormia. Eu ficava conversando com meu irmão, que era o meu irmão mais velho, e ele tinha que me levar porque era capoeira e ficou do meu lado 24hs nesse evento. Ele me auxiliava. Eu falava: cara, eu não sei o que eu vou fazer agora, eu não sei. Era muita coisa. Realmente foi um desafio. E esses mestres de Vitória não tinha como eles não ter esse reconhecimento, aí eu passei a ter um contato breve. E minha formação em 85 perpetuou, em 85, 86, indo nesses eventos, nesses grupos, mas eu ia sozinho, eu não tinha aluno pra jogar. Assim, os alunos da gente eram receosos porque havia a presença do vigor físico, não vamos chamar de violência, mas uma agressão física ainda muito presente nas rodas de capoeira, na integridade física e eu, de certa forma, eu poupava os meus alunos, eu não sei se isso foi um erro ou um acerto, mas teve bons frutos. E eu comecei a perpetuar isso na roda com o mestre Caio. O Caio me jogando calçadão abaixo dentro da areia de camburi, isso é uma história que muita gente não sabe. Indo, por exemplo, no teatro Carlos Gomes, um exemplo do mestre Rogério, mestre capixaba e fazer um jogo só, perdão, entrar na roda uma vez só. Mas jogar com 15. Depois eu fui embora que eu fiquei com medo, num aguentava mais nada. E, assim por diante. Mas eles passaram a me respeitar. Passaram a me respeitar e eu passei a convidá-los nos meus eventos, e também passei a ter visitas deles no nosso trabalho. Isso tudo é formação porque teve encontros e desencontros.

Até então a orientação do Odilon e ainda um pouco de, sempre da formação do Zulu, do Renato, dos amigos né, grandes amigos que eu tenho na capoeira, o Falcão, o Onça, então, Dionísio que tava chegando no grupo, o Divino, essas pessoas que eu não tinha o contato, ainda. Enfim, e aí a minha formação perpetuou nesse sentido, e o curso de educação física, na nossa época, sinceramente, eu não vislumbrava muito o curso de Ed.Física, eu tava fazendo o curso de Ed. Física pra fazer um curso superior, me dava alguma base. Mas, agora, como professor universitário, 3º grau, eu sei o quanto foi falho o meu curso. Hoje eu posso falar o quanto foi falho, eu saí de um curso que eu não sabia dar aula de Ed. Física escolar. Então, a formação acadêmica contribuiu pontualmente pra tá envolvido com a pró-reitoria de assuntos comunitários, de

folclores, na época era a professora Deusian Madeira, que é a madrinha do grupo Beribazu, hoje então aposentada, mora ali na Praia do praia do canto né, o ultimo contato que eu fiz com ela e que contribuiu pra minha formação. E aí, nessa formação antes de 88, nesse período de 86 a 88, em dois anos eu fiz um curso com um grande folclorista que contribuiu pra esse vínculo com a cultura que foi Hermózio Lima da Fonseca, um grande estudioso da cultura, tinha um grande saber, a experiência da cultura. E essa foi a minha formação na capoeira nesse período, e eu fui até Brasília, mas chegando lá eu fiquei deslocado, porque eu não sabia, eu fui numa grande roda e eu fiquei deslocado e encontrei, eu lembro que encontrei no vestiário com o mestre Divino e o mestre Divino falou: “Pow! Gostei de você”. Foi o que mais eu me aproximei porque eu fiquei calado numa dimensão muito grande de um trabalho, o meu trabalho que tinha 30, 40 alunos eu achava grande, quando eu cheguei lá eu vi 15 estados, mais de 1000 capoeiras, eu fiz uns dois jogos que eu fiquei extasiado com tanto, o ginásio lotado, eu não tinha acesso ao mestre Zulu porque ele estava à frente, não por culpa dele, mas pela situação em que ele estava, ele não tinha, não podia, ele tava com outro objetivo naquele momento, e o Divino foi o que me abraçou, disse, não eu vou, eu vou, por isso que tenho esse grande vínculo com o Divino e ele com a gente aqui de vitória e aí ele falou: “Pow! Gostei de você, não perde o contato, toma o meu telefone, liga e tal”. Num fica assim, falei pra ele que eu estava um pouco deslocado, que eu num conhecia muita gente. Não, foi legal você ter vindo, nós te queremos lá e tal. E em 87, ainda, por força contrária do mestre Odilon, que ele não queria, ele estava com certos conflitos com o mestre dele, que era o mestre Zulu, o mestre Zulu era o primeiro mestre do grupo Beribazu, sempre muito crítico, metafórico, as vezes viajante a figura, tenho intimidade na palavra porque ele fez parte da minha formação e ele me formou, as orientações foram basicamente nesse sentido, com essa proposta. Eu trouxe o mestre Zulu pra Vitória pra dar um curso de capacitação de sexta, sábado e domingo com todo o material didático dele que hoje, todo esse material didático eu tenho as originais ainda, acredito que eu tenha nos meus arquivos né. “Os arquivos se localizam na sala de capoeira no CEFD/UFES”. É o idioprático da capoeira, ele passou todas as ideias, o ideal pra gente aqui, as propostas de treinamento, sequências, tudo o mais. E aí, eu passei a ter o reconhecimento da minha

formação de capoeira maior né. O Zulu passou a ver, passou a estar junto aqui junto de nós. Nós começamos a ir nas grandes rodas de capoeira, jogando, o Beribazú-Vitória foi campeão num grande torneio de tríade que, até então, eu não sabia o significado de tríade, só passei a ter na minha formação na pós-graduação que eu vou falar, e ação, repetição, ação, e o Zulu tinha isso na sua concepção tão clara que ele quebrou um grande paradigma na competição de capoeira, nessa tríade, se eu não em engano foi em 87, os campeões foram Lelê, junto comigo era Lelê, o meu mestre, o mestre Carlos, nós fomos os campeões e nós não treinamos pra essa tríade, nós jogamos capoeira, vamos jogar esse toque, esse toque, esse toque, aí chegamos lá, inscrevemos e entramos, nenhuma ansiedade de tríade. Então aqui o Zulu, nessa competição, e aí essa formação, ele colocou pra avaliar, quem? Um professor de Ed. Física que nunca jogou capoeira, um servidor público, um mestre de capoeira, alguém da comunidade, ou seja, ele quebrou o paradigma da capoeira, então, quem treinou ficou aquele negócio quadrado, num foi o campeão, foram as pessoas, depois de muito tempo eu fui entender isso, primeira vez que estou relatando essa experiência com uma reflexão. Então, eu só vi, vejo o troféu lá na minha estante, mas eu não sabia o que era tríade, o que era, não sabia o que se passava na cabeça do mestre Zulu. E isso fez parte da minha formação, ganhar esse troféu né, e depois de muitos anos estabeleceu uma relação com a formação em Ed.física, filosofia, então teve essa junção. Então eu já tava me formando no final de 87 e teve um grande acontecimento, eu fui convidado, chegou um convite na UFES, devido ser uma instituição federal, da USP de participar de um torneio de capoeira onde tinham 23,21 estados, sei lá, todos os estados brasileiros vieram representando, era o maior torneio, foi do mundo, até hoje eu nunca vi tanta gente reunida num torneio. E eu, como havia, eu tinha participado dessa organização do JEBS, junto com ele assinado, e ele baseou pra fazer o torneio, e eu sabia todos os medos do torneio.

Então eu peguei, tinha uma aluna chamada Marita que tinha uma casa, nós ficamos um mês concentrados todo final de semana treinando capoeira naquele regulamento. Mas o que me fez aí crescer, aquele regulamento? Foi que o regulamento, quando nós pensamos no regulamento, nós pensamos nos fatos históricos, ou seja, tinha que ser uma música inédita, aí eu peguei um

aluno que cantasse bem. E tinha um, tinha que ter um seminário, peguei um aluno que tinha uma formação acadêmica pro caso, meu irmão que era formado em curso superior, porque eu, Michel, Del, Pedrão e Lia, a gente não tinha, a gente tava em formação ainda. Porque a gente não tinha ainda esse domínio. E todos eles já tinham uma graduação amarela, amarela ou verde, então estava no auge do treinamento, tudo na corda amarela, ou ver, amarela, enfim, nós passamos treinando o individual, a dupla, tudo, tudo muito bem treinado fácil. Arrumamos um patrocínio do Banestes, passagem e tal, e chegamos lá um aprendizado foi que nós começamos com a descaracterização da capoeira ainda de uma forma muito ingênua né, do ponto de vista mecânico, até então era essa formação que eu tinha na Ed.Física, é o caso que eu me baseio na época. Entrevistamos um professor de judô, no caso Sanse Everino, que era professor da UFES e é até hoje. Fizemos uma pequena clínica de movimentos de capoeira e movimentos do judô, o que eles usavam que a gente identificava, montamos uma síntese, que o trabalho era só de duas pautas, no máximo, era um resumo, mas tinha que ser inédito, a música inédita. E nós apresentamos o trabalho, e aí fomos pra São Paulo e foi o seguinte relato de experiência: muito crescimento, muitos mestres de capoeira. E aí, foi uma loucura, aquele monte de capoeira, nunca ninguém tinha ido a S.P, na USP e tal, no caso estavam nervosos, todo mundo ficava olhando pra cima, pegavam o ônibus errado, uma loucura, entendeu? Isso foi um aprendizado dos capoeiras, uma conquista dos espaços. Chegando lá, nós apresentamos o trabalho de capoeira e esse trabalho não foi bem recebido, porque muita gente utilizava esses agarrões né, chamados de projeções, até então o grupo Beribazu já estava extinguindo essa questão desse fundamento de projeção; esse nome, continuamos hoje com as tesouras, tiramos algumas projeções mas, é fato de arremessar ao chão as pessoas, tem uma roupa adequada e tal, e aí nós não fomos muito bem no seminário, fomos o 2º,3º. Na música nós tiramos o 1º lugar. Nas categorias, quase todas eu lembro assim, vice, Michel em 1º, Pedrão em 1º, Lele em 2º e tal, mas eu recebi um prêmio de técnico campeão entendeu? Técnico atleta campeão, devido ao destaque, ficamos na frente da Bahia, a Bahia revoltada, SP revoltado, e o ES nunca ninguém viu e ficou em 1º lugar, aí foi um grande salto de um reconhecimento, e aí teve essa formação, e muitos contatos, muita gente perguntando, o que

you fez? Como é que vocês treinam? Como é que foi? E aí foi sucesso, no final de 87 nós voltamos com todos os jornais querendo entrevistar a gente, e isso pro mundo da capoeira foi muito importante, pra divulgar esse trabalho do grupo. E aí teve uma ruptura na minha formação de capoeira enquanto dando aula né, início de 88 e praticando capoeira e aprofundando minha formação em Ed.Física. Eu formei no final de 87, início de 88 eu fiz, em janeiro, fiz uma prova pro curso de especialização, eu passei, ganhei bolsa e fui e o Michel ficou doente o ano de 88. Nesse, só entrando em detalhe, em 87 eu tive uma formação de contra-mestre sem reconhecimento do mestre Lucca, era o mestre né, então coordenava o grupo Beribazu, e aí foi, nessa vinda do mestre Zulu no curso de capacitação em 87, ele foi por reconhecimento também da corda roxa de contra-mestre né, eu vou indo e voltando na história, por aí. E aí eu fui, passei um ano no Rio Grande do Norte fazendo o curso de especialização e o Michel continuou o grupo, levou o grupo na grande roda, continuou os trabalhos, não participou em São Paulo, em nenhuma competição né, mas participou de eventos, continuou o trabalho, continuou num ritmo muito legal, com muita gente, muita responsabilidade, envolvido com o Zulu, com o Odilon e, eu vinha aqui fazer as orientações e tal. Mas aí eu continuei com minha formação de capoeira estudando sobre Ed. Física escolar, resumindo o meu trabalho, a formação, até então no final da década de 80 ainda esse termo emergente ter a consciência né, e me apropriei desse termo né, pra ajudar a formação da consciência do aluno, através do estético e ético da capoeira. E essa foi minha formação que fez essa conexão, esse entrelaço entre capoeira e Ed. Física, mas através de fundamentos teóricos.

Mas lá eu tive o que? Como no Jeles eu tinha o contato com o mestre, o mestre Canelão, o mestre Índio, lembrando também o mestre Índio tava ali presente. Ele me levou pra eventos, já participei de shows culturais, ballet, grupos de capoeira e aí nessa palestra eu conheci também um mestre muito famoso, foi o mestre Paulão, lá do Ceará, agora faz parte do Capoeira Brasil que está na Holanda, e foi muito interessante aí porque eu joguei pouco a capoeira nesse evento, mas o meu discurso já tinha um toque crítico e eu percebido. Eu vou lembrar da passagem que eu falei lá né, mas aí a minha formação em Ed. Física, então aí a influência muito grande da professora

Cássia Brandão Calvacante recém chegada do Rio de Janeiro e organizou esse curso de doutorado dela né, também com a visão crítica nos fundamentos de Marx, também assim, alguma parte de Paulo Freire nessa época, são tantas bibliografias. Mas ela me influenciou e esse discurso que eu fiz no mundo da capoeira lá fez com que esse mestre; eu tava sem treinar, era dedicação exclusiva ao estudo, eu tava totalmente fora de forma, foi um ano que eu parei mesmo a capoeira, tava corrigindo mas capoeira mesmo eu não jogava, mas o discurso aí teve essa influência muito forte, e aí eu escrevi o trabalho, conclui a especialização, voltei, em 88, e encontrei com o Odilon lá no Rio Grande do Norte, por coincidência ele foi trabalhar lá na Petrobras, acabei encontrando com ele lá, ele também continua sem orientação, quando eu voltei em 89, ainda em 89 eu fiquei indo no Rio Grande do Norte mas tinha estalado, continuei a formação aí meu trabalho deu um salto qualitativo muito grande e nós fomos de novo na USP, bicampeão em 89,90 tricampeão do torneio na USP e , mas só eu que voltei com cunho crítico, em 89, 90, 91 eu quebrei esse paradigma, eu não levei nenhum professor, levei só corda azul e sem corda. Falei assim, ó o regulamento tá aqui, se vocês quiserem treinar, se vocês quiserem cantar uma música, vocês tão a fim de participar? De conhecer? O que é? Eu não vou trabalhar mais com treinamento de capoeira pra competição, eu vou trabalhar com uma participação crítica e vocês podem se manifestar da forma que vocês desejarem. Se vocês quiserem estudar, pode. E eu fui curto e grosso e quebrei. Quando eu cheguei lá, inclusive eu levei com a quebra do paradigma, que eu levei um anão, e tinha um aluno que era anão, um outro paradigma, levei capoeira de outro grupo, do Abadá, levei um monte de gente, Senzala, do Beribazu; mas você não vai treinar? Não, nós vamos conhecer, o Zé Orlando, a Simone, Fofinha, a Tigresa, esses alunos do Beribazu iniciantes, foi um carnaval, uma zona. E chegou lá e ninguém entendeu nada, não sabiam se comportar e ficavam olhando pra mim, na hora do congresso técnico fiz o meu posicionamento crítico, na apresentação de trabalho e aí, foi interessante porque hoje a competição não existe mais e eu acredito que eu tenha contribuído, por essa reflexão né, o mestre Gladison, um grande mestre, que veio me coroar aqui quando eu peguei a corda de mestre, e hoje por exemplo a USP não faz mais competição e sim uma grande oficina, um encontro de capoeira pra discutir, concurso, pra se aprofundar um pouco

mais na verdade né, não vamos deixar passar esse enforque, muito curto, mas eu acho que poderia se transformar num grande encontro de capoeira.

E aí eu tive essa formação e eu continuei enquanto trabalho, mas eu comecei a travar uma crítica muito grande ao grupo de capoeira né, em 89, 90, 91 e essa formação criou conflitos com os grupos de capoeira, eu realmente passei a tecer críticas severas à integridade física e a postura metodológica que não seja conflito dentro do grupo do qual eu fazia parte também né. Conflito generalizado, quase um golpe de estado. Eles juntaram um dia e falaram assim: queremos conversar com você... mas verdadeiramente falaram assim: ou você muda ou você sai. Rapaz, eu fiquei chorando a noite inteira, eu confesso. Fiquei calado, ouvindo todo mundo; eu comecei a estudar muito, continuei estudando e cheguei até participar de um concurso da UFES, mas aí num tinha como eu passar, num tinha me especializado, fiz só a especialização, no caso, foi engraçado, que no caso quem entrou foi Valter Brach, mas eu fiz né, foi Valter Brach, a Fernanda e foi uma experiência maravilhosa né, lhe dar com essas pessoas que estão bem no centro da Ed.física, é uma função muito grande na universidade, mais uma formação né. E eu me dediquei a esse estudo mas eu não tinha condições de passar, na década de 80....e parei de treinar e queria me comparar a outros grupos de capoeira que eram técnicos e tal, e aí eu verdadeiramente organizei um curso, aí depois de 91, 92, curso de capacitação, eu fazia encontros pequenininhos, fechados, fiz a grande roda em 92, depois em 94, dei um salto qualitativo muito grande, me dediquei a realização de eventos, grandes eventos, participar em eventos do Brasil e aí teve em 94, a minha formatura de mestre, foi um grande salto mas, confesso, que eu não queria a graduação de mestre, eu não podia, mas foi um reconhecimento, trazer o mestre Odilon, o mestre Zulu, o mestre Iris e pegar a corda vermelha junto com meu mestre que até então tinha parado, tinha sumido, e pegar a corda vermelha junto com meu mestre, pra mim foi um salto qualitativo, grandes mestres presentes, tinha aqui mais de 20 mestres do Brasil inteiro e do grupo Beribazu todos eles falaram: não, não, você merece, incluindo o mestre Gladison do Rio de Janeiro, enfim. E teve minha formação aí de mestre de capoeira e eu continuei o trabalho de capoeira, e aí outros tiveram outros desafios que me fizeram voltar a

competição de capoeira e foi uma postura, na época pode ser que tenha sido ingênua, mas de assumir o Junes. Eles pediram a proposta e eu sou o responsável, tanto do Junes, jogos universitários do ES, pra organizar a 1ª competição de capoeira. Foi um sucesso total, conseguimos organizar as competições do Jeles na seletiva... nunca batia na minha cabeça a competição de capoeira, muitos conflitos, muita gente querendo ser melhor do que o outro e eu não conseguia estabelecer outro educativo entre a Ed.física e a formação da capoeira. E aquilo foi batendo, batendo, eu continuei na organização até que um momento eu passei a bola, disse assim: eu não vou mais. E até hoje eu me separei desse processo né, a competição de capoeira. E comecei a me dedicar em outros projetos, projeto social de capoeira, na formação de meus alunos, dei a prática de esportiva capoeira em 96, a primeira vez que a capoeira teve oficialmente na UFES a capoeira ligado né, teve um professor substituto, me dediquei à organização do grupo do curso de extensão, fizemos um grande encontro..., aí a gente tava envolvido com a prefeitura, e já começamos a escrever o projeto em 97, culminou ano passado, quer dizer, um projeto foi feito em 97, 98, foi liberada a verba agora pelo governo federal e tal, o esporte cidadão e tal, onde as crianças tão jogando capoeira. Então essa foi uma formação através da realização de um conjunto de ações para o crescimento do grupo e da capoeira e pessoal também, como sobrevivência profissional né, vamos dizer assim, da capoeira. Eu vou relembrar alguns fatos que eu realizei que fizeram parte da minha formação. E aí eu comecei a realizar esses eventos, me envolver muito com a UFES, o conselho de Ed. Física, já fui expulso da UFES, o nosso trabalho num determinado momento, e descobriram que o erro não meu, foi erro da diretora na época; década de 90, não vou precisar o ano, eu tive um envolvimento muito grande com a extensão, com o Paulo, universitário de São Mateus realizando três cursos em Nova Venécia, realizando o curso de capoeira na prefeitura de Guarapari, e trabalhei sempre com a prefeitura, com projetos sociais, não com capoeira, mas sempre tentando levar a capoeira e como o referencial do mestre de capoeira, isso me contribuiu muito, coordenando, por exemplo, a casa de passagem com o trabalho de capoeira, com o referencial do mestre, com os conhecimentos da Ed. Física, então a formação ela foi... aplicando todo esse conhecimento, essa

vivência em projetos, às vezes sem a capoeira, mas com a vivência, a experiência da capoeira.

Eu tive uma grande contribuição na minha formação que foi a visita, em 99/2000, de um professor da Suíça aqui no trabalho da UFES. E chegou através do conhecimento da, hoje, pró-reitora de extensão, então era professora do cursinho de serviço social da UFES e conheceu meu trabalho de capoeira que eu fiz uns trabalhos com o projeto Girassol, de vários projetos, eu vou lembrando aos poucos, e esse professor veio aqui fazer essa visita e eu o tratei da forma que a gente sempre trata, registrar, fotografar, relatar, certificar tudo o que ele fez aqui e ele falou que ia levar esse trabalho de capoeira né, no ano de 99, pra Europa. E eu beleza, esperei.

Em 99 também, nós tivemos um convite para participar, até hoje se perpetua, o programa Summer né, que é um centro de estudo latino-americano de um professor de lingüística, um brasileiro que da aula na universidade de Kansas City, e traz um grupo de americanos pra aprender a língua portuguesa, e a capoeira serviu de instrumento, aí que foi o grande aprendizado, na minha formação, outra forma que a capoeira proporcionou à minha formação, tanto esse projeto da Suíça que eu vou continuar esse diálogo, quanto esse projeto Summer. Também em 99/2000, eu comecei a entrar no ensino superior com capoeira, e a primeira instituição que teve oficialmente no currículo, ainda não com o nome de capoeira, mas lutas esportivas... mas como era o enfoque na cultura corporal, a luta que era dada como esporte era a capoeira, que foi no Centro Universitário São Camilo, em Cachoeiro, e foi uma grande formação. Aí, verdadeiramente foi a conexão feita de forma concreta entre a minha formação em Ed. Física e a formação onde que eu tive medo de falar, é agora! Meu conhecimento em Ed. Física tinha que estar preciso, porque eu ia formar pessoas com o objetivo mais claro, mais seguro; não que os outros momentos tenham sido assim, tapados né, mas enfim, eles aconteceram de uma forma às vezes mais solta. E aí esses três grandes projetos começaram a ser efetivados; o projeto da UFES, o projeto universitário Summer, e esse projeto da Suíça, que ficaram e estão até hoje na minha vida, além desse estudo de mestrado que vai culminar nesse relato histórico aqui. E aí, cada um teve sua

particularidade na minha formação. O Summer que acabou aparecendo um aluno que se formou em capoeira, que hoje tem esse trabalho nos E.U.A, que é o Samuel, que me levou a ter essa experiência de capoeira num outro país, com uma outra cultura, uma outra proposta econômica; e lá eu tive um grande desafio, que eu não sabia até então, mas eu fui para um estado que teve as grandes revoltas dos negros norte-americanos e onde os negros sofrem mais, é bem claro, um bairro de negro, bairro onde negros são verdadeiramente né, toda essa experiência de um mundo negro de um outro país, com outra proposta socioeconômica, racial e os produtos do mundo do capital, dinheiro do lucro; foi uma outra experiência que eu tive, mas que por outro lado, eu vejo a grande pobreza que era esse país, uma grande pobreza de cultura, de formação, que todo mundo fala que é uma grande cultura, mas é uma grande pobreza. Pobreza que eu senti nessa relação da capoeira e as pessoas, pessoas carentes que se manifestam através da capoeira, do sentimento, pessoas que verdadeiramente estão expressando seus sentimentos humanos independente, e eu senti isso, esse foi um aprendizado, um aprendizado de ensinar capoeira numa casa de passagem, num reduto de crianças, da miséria do capital, esses e com outras vivências. Entrar numa prisão norte-americana, de um país dito de 3º mundo onde eu precisei dar aula para dois seguranças armados e os seguranças preocupados com aqueles movimentos de pernas e ao mesmo tempo tranquilos com tanto respeito que eles tinham com o mestre de capoeira. Então, na verdade, ver essa pobreza através dessa experiência me deu essa formação, de conhecer uma realidade a qual eu faço uma crítica né, mas agora eu posso falar o que é essa pobreza do capital diante de, tanto o corpo de um jovem, uma casa de recolhimento lá, dessas crianças; eu passei em três níveis de prisão lá, uma casa semiaberta, uma de nível médio – uma prisão semiaberta, e uma prisão. Então a pobreza é muito grande e mostrou a identificação de onde a capoeira tem essa liberdade que às vezes querem ter por condições sociais, que a capoeira proporcionou ao negro brasileiro, essa liberdade de expressão corporal, ele se expressa talvez, a liberdade de condições sociais que o capital nos deu através da capoeira.

Isso foi um aprendizado muito grande, porque na verdade, não são pessoas diferentes dos brasileiros, da miséria do brasileiro, a miséria do capital lá é a

mesma aqui, a linguagem foi a mesma, eu falei tudo no português, todos entenderam, todos me respeitaram, então, foi uma experiência, uma formação que esse programa me deu, ale, de contato com essas pessoas, que algumas ainda com a visão do mundo norte-americano, mas que através da capoeira eles conheceram que o Brasil não é o Brasil que eles pregam e que aprenderam. Então a capoeira me proporcionou essa formação muito grande e esse respeito pelo nosso país e isso veio através da figura do mestre de capoeira, lógico, a capoeira em si tá nesse bojo, falando em formação através da figura do mestre do mestre que eu fui formado, a respeito... O programa desse intercambio com a Suíça, com a Europa levou esse projeto, essa experiência no “Mimor”, um dos maiores centros de excelência da Europa, que é a Escola Superior de Esportes Marcolã; eu não fui lá pra dar aula nessa instituição, eu fui lá pra dar aula na Universidade Bernac. Um curso de 4 horas e acabei ficando 40 dias, de um eu passei pro outro exatamente com a mesma metodologia, de atividades propostas. Mas essa minha formação levou a uma difusão da capoeira e descobri que a riqueza do corpo que a capoeira proporciona é muito grande; porque eu dei aula, nada a mais e nada a menos, na oficina do diretor como se eu fosse o diretor, no centro de Ed. Física, do diretor do centro de Ed. Física, que ele era conselheiro da escola de Marcolã, aí ele falou assim: vou te lançar um desafio: você vai dar aula na melhor escola da Suíça, mas eu não sabia, eu pensei: vou. Pra mim era uma outra universidade. Quando eu cheguei lá, uma loucura, eu tava dando aula pra doutores, pra seleção suíça de ginástica rítmica e eles ficaram encantados com a riqueza de movimentos, com as atividades lúdicas, enfim, projetos e escolas, isso foi um aprendizado que a capoeira me proporcionou vinculado com a base pedagógica da Ed. Física, mas se não fosse a capoeira eu não estaria lá, só pela Ed.física eu não estaria lá.

Então, por isso que eu falo sempre a capoeira, não negando o conhecimento, o legado da Ed. Física, mas se não fosse a capoeira onde eu estaria? Não sei. Sinceramente acho que eu seria um engenheiro hoje, um engenheiro mal de serviço, porque eu odeio matemática, odeio calculo e acabei descobrindo isso depois. Então essa foi a formação que a capoeira me proporcionou, mas sempre com a Ed. Física como base, e eu comecei a analisar todos os

trabalhos de capoeira, porque esse grande amigo que eu tenho hoje que é o Grover Jean, a gente chama ele de Paulo, também conhecido pela alcunha, coitado, ele recebeu tantos apelidos, Bahia, cabeça, é uma figura maravilhosa, que eu acho que ele pode ser até sueco, mas ele nasceu no lugar errado, porque eu nunca vi um sueco ter esse naipe. E nós começamos a analisar a gama de material que aparecia e que ele já tinha de capoeira; desde o primeiro vídeo de tática de capoeira ele tem. E nós começamos a questionar, como que era a capoeira na escola? Na escola surgiu a ideia de fazer um projeto para DVD e pra formação dele de capoeira, que foram dois grandes aprendizados na minha formação. E ele escreveu um projeto pro governo da Suíça, onde foi aprovado e ele passou 5 meses estudando capoeira aqui, olha, que aprendizado que eu tive aí na minha formação? A capoeira é viável em outras culturas e ela tem um valor muito grande. E nós começamos a escrever. O projeto, ele teve a formação dele de capoeira né. Essa formação, e juntamente com essa formação a gente começou a estruturar esse DVD, que foi aprovado que vai sair agora em abril, ser produzido e lançado até o final do ano. Então esse aprendizado é um desafio e que alguns estudiosos da capoeira, tão vendo a capoeira como um grande fenômeno de difusão do nosso país né. Como o próprio Falcão, ele identifica isso, que a capoeira é um fenômeno do trabalho dele de doutorado. Tão grande, eu passo a ver agora uma função nesse projeto, verdadeiramente uma função nesse projeto. Porque, até então era um projeto pra implantar a capoeira na escola, e aí é a contribuição da Ed. Física, essa formação conjunta. Esse DVD que eu to envolvido, nessa profissão, ele tem um desafio muito grande, quer dizer, já comecei a tomar as cacetadas né!? Acadêmica mas que tem esse grande projeto de difusão da capoeira quanto fenômeno, da cultura, de uma parte da identidade do povo brasileiro, da formação socioeconômica; e aí vai ser uma formação porque eu vou produzir o primeiro DVD de um método de práticas bem determinadas de capoeira e que já começaram a me questionar se eu vou ser o professor de capoeira, entendeu? Mas aí, ao mesmo tempo essa pessoa, um grande amigo, que é o professor Otávio, o qual eu tenho um grande contato, falou assim, mas ao mesmo tempo eu perguntei pra ele: será que a capoeira, que tá na escola, é essa que nós queremos? E se alguém for procurar fundamentos da capoeira vai estudar aonde? Na fonte de

fundamentos onde a pessoa possa visualizar através de aparatos tecnológicos não só através do, não podemos negar que o grande estudioso da metodologia da capoeira, o mestre Falcão, o mestre Falcão da capoeira, o doutor José Luiz Siqueira Falcão, ele tem essa formação. Mas aí ele permite, porque eu sou um grande amigo, falar mestre Falcão. Não podemos negar que ele já lançou dois livros e artigos sobre o método do seu trabalho de mestrado, que ele já vem analisando depois lá na federal o método de capoeira; mas eu gostaria de agrupar isso, materializar esse conteúdo, até porque tem alguns fundamentos que eu estou me apropriando nesse DVD como fundamento que vai na referência bibliográfica, do Zulu, do Falcão, do Renato, do Claudio Abreu na parte histórica. Mas vai ser um grande desafio de aprendizado. Porque? Vai criar um grande conflito no mundo da capoeira. Mas eu tenho a certeza seguinte, é como o clássico do Valder Luiz Rego, se todo mundo desse críticas, e ele escreve, tudo parece um abuso de capoeira né?! Mas ninguém pode deixar de estar, por pouco dinheiro, e vai ser o ponto de partida, onde, no Brasil ainda tinha um carência muito grande, mas no mundo há uma carência muito maior de fundamentos metodológicos na capoeira. E o que está sendo lançado lá, se continuar, eu acho que nós com uma visão crítica, nós temos esse compromisso. Aqui no Brasil eu sei que eu vou tomar muito tiro de tudo quanto é lado, mas faz parte da formação acadêmica, mas eu acho que eu vou contribuir muito pros capoeiras de fora do país, que precisam de fundamentos, esse é um desafio na minha formação.

O Summer, o projeto, universidade. O meu grande desafio, entrar nas universidades pra implantar uma proposta de capoeira que eu acredito, se eu to lá eu acredito em alguma coisa, preciso de avanços? Preciso. Mas essa formação tem esse ponto positivo. E esse ponto positivo está dando frutos no mundo acadêmico, orientando os trabalhos de capoeira, alunos já estão dando aula de capoeira numa perspectiva escolar e isso é importante pro mundo da capoeira, e esse é o terceiro desafio que eu tenho. E isso está trazendo bons frutos. Vou culminar o mestrado nesse trabalho, tenho o curso da UFES que é um referencial, tem um projeto que eu posso chamar que tá resistindo, por outros motivos, particulares e verdadeiramente eu me afastei da UFES por um motivo: financeiro. Eu estava chegando numa determinada idade onde fui

passando sem objetivo de vida já, há 6 anos eu percebi isso. Estava com 34, 35 anos e eu não tinha nada na minha vida, nada. Mas tinha um grande nome, um grande reconhecimento, mas não tenho nada na minha vida. Então foi, mais uma vez, o que o Falcão, o Renato, as pessoas, meus amigos, os meus alunos despertaram isso, porque os meus alunos estavam se formando e indo e foi um grande aprendizado com eles. Você mesmo ter esse aprendizado, quantas vezes você fez essas críticas ao trabalho que faz deslumbrar em outros alunos né!? Até as relações pessoais, isso teve dificuldade na minha vida, porque eu acredito que eu não tive consistência na minha vida, falava de 400,00 ou 500,00, cheguei a ganhar 700, 800 reais no projeto da UFES. Teve outros contratempos na Ed. Física escolar, que eu já fui convidado a sair de outras instituições pra mudar minha postura crítica, mas não tinha a capoeira envolvido, era só a Ed.física escolar. A capoeira não contribui pra Ed. Física escolar, mas também fez parte. Então esse projeto da UFES tem esse fundo e também ajudou na minha projeção, inegável, a projeção que eu tenho hoje foi através desse projeto da UFES, ao qual eu já estou há 21 anos, diretamente ligado com boas pessoas me ajudando e tentando incrementar outras propostas, mas enfim, deixar bem claro, nesse projeto da UFES, você quer algo? Com a sua cara? Faça você. Você pode chegar a determinado ponto, mas se você quer algo com o seu perfil, você tem que fazer, porque as pessoas são diferentes e tem esses contratempos que tem hoje, mas eu estou muito tranquilo e isso porque os objetivos mudaram, os da UFES e o meu também, então fico mais tranquilo nessa relação. Agora, quanto ao projeto da UFES, é a minha formação de projeção, não pode ser a minha projeção financeira. Cada projeto tem um destaque, se eu estou nos E.U.A, é a UFES, se estou na Suíça, sou historiador, se eu fui convidado a fazer prova na São Camilo foi por ter o reconhecimento da UFES, se eu fui no Salesiano foi porque o Anselmo conhecia e me convidou, além de ter outros. “O Prof. Dr. Anselmo José Perez é um dos professores universitários de grande renome no CEFD” Então eu tive essa influência muito grande na minha formação, mas que teve esse contratempo de não ter condição financeira, que muito capoeiras também tem. Eu tive a oportunidade de estar na Suíça ganhando na época, em 2001 eu recebi uma proposta de ganhar 350,00 por hora/aula. Um curso de uma hora e meia pra Ed. Física escolar eu recebia 160,00. Muitos alunos, turma de 50, 80

alunos eu tive lá, mas o que me fez voltar foi essa responsabilidade com meu país, e em segundo lugar, não tive adaptação cultural.

Tem o projeto da UFES e o projeto das universidades que deu esse fruto muito grande, de monografia, de influência, reconhecimento, da projeção, da identificação da capoeira, desses frutos profissionais, falando da capoeira de uma forma mais segura. Agora, um grande aprendizado da capoeira em meio acadêmico foi que eu quebrei um paradigma de que todo mundo tem que jogar capoeira na sua formação acadêmica. Ou seja, se estou dando aula de capoeira no ensino superior, os movimentos de capoeira é uma parte pequena, a ginga, a benção e tal. Eu percebi, muita gente está dando aula de capoeira, percebi que a dificuldade maior no ensino da capoeira é o ritmo, não é o conteúdo teórico. A apropriação desse fundamento cultural, melódico, a vergonha de cantar uma música brasileira, como eu considero os cânticos da capoeira. E aí eu tive essa grande contribuição, que estou vendo um aluno hoje que não foi muito bem na capoeira, mas que está trabalhando numa parte administrativa e está levando o projeto de capoeira. Eu estou conseguindo tocar em Venda Nova, o mestre de capoeira que eu nem conheço mas to ajudando aquele mestre porque ele foi trazido, dentro da área da educação, da escola, da comunidade, porque quem está lá é um ex-aluno que fez a oficina de capoeira, nunca vai me ensinar a capoeira, mas está fazendo muito mais do que ensinar capoeira, forma. Então, esse foi um aprendizado na minha formação, quebrar um paradigma de cobrar o movimento da capoeira e entender que cada um vai se apropriar da capoeira de uma forma diferente.

Agora, na atualidade, tem o estudo de mestrado, que é o segundo mestrado multi, interdisciplinar, e que estuda em educação, administração e comunicação. E lá estudamos práticas educativas brasileiras com o cunho político, o qual eu vou fazer uma relação, que aí é uma formação de capoeira e Ed. Física, fundamentos da educação, como um fenômeno de identidade, mas relacionado às políticas públicas. Como se faz essa relação de um fenômeno da cultura negra e aí vem o corte, que é da região de São Mateus, lá teve os últimos navios negreiros, que o Brasil teve. Então o fato de ser tudo da cultura negra e os grupos de São Mateus, como o fruto da identidade daquele povo,

80% de negros e eu faço esse estudo, desses grupos como fenômeno identitário e as relações das políticas públicas. E aí que culminou nessa minha formação hoje de estar me dedicando ao ensino superior, e eu falo pra você que foi um grande fato fazer isso aqui porque às vezes as pessoas não entendem, eles não entendem, por exemplo, que eu já estou fundando um curso de extensão pra ter a oportunidade do ensino em Cachoeiro, pra ter a oportunidade em Linhares. É um aprendizado, eu preciso aprender a lidar com esses conflitos. E é nessa situação que eu estou hoje de formação em capoeira.

4. CONSIDERAÇÕES

É notável a necessidade de uma universidade no Brasil sintonizada e comprometida com os problemas cruciais da sociedade, que cultive a razão crítica, a arte de gestar, alimentar e gerir os valores inalienáveis da condição humana (Morim 2000). Movida pelo saber produzido dentro da universidade, a capoeira de caráter extensivo universitário que é convergida pelos vários saberes nesta instituição não pode ter características privativas, pois tem um compromisso direto com a sociedade de maneira sócio-educativa e cultural.

Além do resgate histórico, esta prática corporal envolve o desenvolvimento e a integralidade com a cultura brasileira, visando pela sua importância pedagógica uma excelente atividade física de uma riqueza sem precedentes para ajudar na formação integral do aluno. Atuando de maneira direta sobre os aspectos cognitivo, afetivo e psicomotor. Como luta a capoeira representa a sua origem e sobrevivência através dos tempos, na sua forma mais natural, como instrumento de defesa pessoal genuinamente brasileira. Como dança e arte se faz presente através da música, ritmo, canto, instrumento, expressão corporal e criatividade de movimentos. É também um riquíssimo instrumento para artes plásticas, literárias e ciências. Em suas aulas é desenvolvida e aproveitada flexibilidade, agilidade, destreza, equilíbrio e coordenação motora, indo em busca da coordenação dos alunos tanto na parte prática como teórica. Como

desporto há um enfoque especial para competição, estabelecendo-se através de treinamentos físicos, técnicos e táticos.

Na educação a capoeira tem grande importância para a formação integral do aluno, desenvolvendo o físico, o caráter, a personalidade e influenciando nas mudanças de comportamento. Proporciona ainda um auto conhecimento e uma análise crítica das suas potencialidades e limites. Na educação especial a capoeira encontra um campo frutífero junto aos portadores de deficiência. Como lazer ela serve como prática não formal através das rodas espontâneas realizadas nas praças, colégios, universidades, festas de largo, etc. Encarada como filosofia de vida encontramos muitos adeptos que se engajam de corpo e alma, criando dessa forma um estilo próprio de vida, tendo a Capoeira como elemento símbolo, e até mesmo usando-a para a sua sobrevivência.

No jogo onde o capoeirista desenvolve a criatividade, zelando pelo respeito e camaradagem, o professor desenvolve de forma integrada os três domínios de aprendizagem do ser humano: psicomotor, afetivo social e cognitivo. O estímulo de todas as partes do corpo seria um exemplo para o praticante entender que a própria natureza possibilitou ao ser humano condições, qualidade e recursos. Tudo tem uma utilidade e pode ser utilizado, desde que haja pleno estado de consciência, pois o potencial humano deve ser testado a cada momento em diferentes situações.

Visto através dos pontos anteriores referências e motivos de sobra sobre a importância do projeto Capoeira UFES, mantido como caráter extensivo de saberes universitários, mas que alcance ao máximo a sociedade em geral.

4. REFERÊNCIAS

BRUHNS, Heloisa Turini. **Futebol, carnaval e capoeira:** entre as gingas do corpo brasileiro. Campinas: Papirus, 2000.

CASTRO JÚNIOR, Luis Victor. **A pedagogia da capoeira:** olhares (ou toques?) cruzados de velhos mestres e de professores de Educação Física. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado da Bahia, 2002.

FALCÃO, José Luiz Cirqueira. **O Jogo da Capoeira em jogo e a construção da práxis capoeirana.** 2004. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, 2004.

_____. **A escolarização da capoeira.** Brasília: ASEFE Royal Court, 1996.

GONÇALVES, Nilo Pedro da Cunha. **A epistemologia de ensino da capoeira na escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro.** 1997. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997.

IÓRIO, Laércio Schwantes. **Capoeira e educação física escolar:** novos olhares e perspectivas. 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) – Departamento de Educação Física, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita”, 2004.

KOHL, Henrique Gerson. **Gingado na prática pedagógica:** expressões lúdicas no quefazer da educação física. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Federal de Pernambuco, 2007.

NASCIMENTO, Paulo Rogério Barbosa. **A capoeira no contexto da escola e da educação física.** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, 2005.

ROCHA, Maria Angélica. A Capoeira como ação educativa nas aulas de educação física. 1995. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1995.

____ **Capoeira uma proposta para a educação física escolar.** 1990. Monografia. (Especialização em Educação Física Escolar) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

SANTOS, Gilbert de Oliveira. **Da Capoeira e a Educação Física.** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2005.

SILVA, Paula Cristina da Costa. **O ensino-aprendizado da Capoeira nas aulas de educação física escolar.** 2009. Tese (Tese em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2009.

____ **A Educação Física na roda de Capoeira:** entre a tradição e a globalização. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2002.

____ O mestre de Capoeira face a regulamentação da profissão de Educação Física. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 12., 2001, Caxambu. **Anais...**, Caxambú: CBCE, 2001(a).

____ Capoeira e Educação Física - uma história que dá jogo... primeiros apontamentos sobre suas inter-relações. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 23, n. 1, pp. 131-145, set./2001(b).

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808 – 1850).** Campinas: UNICAMP: Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 2001.